



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

O. limite de tudo

Tradução de Petê Rissatti

J E F F G I L E S

ROCCOPIAIA

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Prólogo

Parte um

Um

Dois

Três

Parte dois

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Parte três

Doze

Treze

Catorze

Parte quatro

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Agradecimentos

Créditos

O Autor

Desde o início dos tempos,
na infância, pensei
que dor significava
que eu não era amada.
Significava que eu amava.

— Louise Glück, “Primeira lembrança”

Prólogo

ELA MESMA O BATIZOU, assim parecia que ele pertencia a ela.

Ele disse que, de onde vinha, um lugar que chamava de Terrabaixa, eles arrancavam seu nome como a uma casca no momento em que se chegava, para lembrá-lo de que você não é *nada* nem *ninguém*. Quando contou isso, ela se aproximou um pouco mais. Deveria ter ficado assustada depois do que o viu fazer com Stan, mas não ficou. Stan merecia tudo o que teve e mais um pouco.

O lago estava congelado, e eles estavam parados no meio dele. O gelo estava se deslocando, assentando-se. Ribombava embaixo deles, como se fosse ceder. Stan se fora, mas gotas de seu sangue haviam escorrido para o lago. Havia uma constelação escura aos pés deles.

Ela se recusava a olhar para aquilo. Sugeriu alguns nomes, e ele ouviu em silêncio, os olhos tímidos e parecendo feridos. Queria se aproximar ainda mais, mas temia assustá-lo. Em vez disso, ela o provocou.

Disse que ele tinha cara de Aragorn... ou de Fred. Ele inclinou a cabeça, confuso. Ela precisava melhorar o senso de humor dele.

Tirando isso, não havia nada nele que ela teria mudado. Tinha cabelos pretos desgrenhados que caíam perto dos olhos como videiras. Seu rosto era pálido, com exceção dos machucados nas maçãs do rosto. Parecia que alguém tinha agarrado o rosto dele e cravado as unhas. Várias e várias vezes. Por *anos*. Ela não perguntou quem o vinha machucando, ou por que tinha sido enviado para o

que quer que a Terrabaixa fosse, para começo de conversa. Era cedo demais para perguntas como essa.

Ele disse que, mesmo que ela lhe desse um nome, os senhores da Terrabaixa não o deixariam usar. Ela o ouvira gritar de forma feroz para Stan, mas com ela ele falava baixinho e estava inseguro. Ele disse que não achava que merecia um nome, depois de tudo o que tinha feito. Que tinha sido *forçado* a fazer.

Se isso não partiu o coração dela, sem dúvida rachou um pouquinho o dele.

Ele a estava encarando agora, vendo *dentro* dela, como se achasse que ela era a resposta para alguma coisa.

Ela lhe lançou um olhar brincalhão.

— Cara, sério, *chega* desse olhar.

Ela disse que todos mereciam um nome e que os “senhores” tinham que calar a boca.

Ela disse que o nome dela era Zoe Bissell.

Ele assentiu. Já sabia. Ela não imaginava como.

Ela disse que o chamaria de X até saber o tipo de pessoa que ele era. X era usado para uma variável desconhecida. Zoe tinha dezessete anos e já tinha enfrentado tantas maldades e abandonos que sabia que era loucura aproximar-se de mais uma pessoa. Mas talvez a dor de X, qualquer que fosse, a ajudasse a esquecer a sua.

Zoe comunicou a ele que, se a Terrabaixa lhe tirasse *esse* nome, ela simplesmente lhe daria outro.

— Tipo Fred — ele disse e tentou abrir um sorriso.

Estava aprendendo.

parte um

UM RESGATE

um

ZOE CONHECEU X EM UM DOMINGO DE FEVEREIRO, quando havia uma tempestade vindo do Canadá, e o céu estava tão escuro que parecia ter alguém fechando a tampa de um caixão gigante sobre Montana.

A nevasca só atingiria a montanha em uma hora, e sua mãe tinha ido buscar mantimentos para abastecê-los por um tempo. Zoe também queria ir, porque não dava para confiar em sua mãe para escolher comida. Nunca. Sua mãe era incrível de muitas formas. Ainda assim, a mulher era uma vegana hardcore, e sua ideia de jantar era tofu ou seitan, o que, como Zoe afirmava o tempo todo, tinha gosto de carne de alienígena.

A mãe havia insistido que ela e seu irmão, Jonah, ficassem em casa, onde estariam seguros. Disse que tinha certeza de que podia descer a montanha e voltar antes que a tempestade os atingisse. A própria Zoe já tinha dirigido em nevascas, e tinha bastante certeza de que ela não conseguiria.

Zoe não estava empolgada por ficar no comando, em parte porque Jonah era um babaca, embora não tivesse permissão para chamá-lo assim, de acordo com um cartaz que a mãe havia colado acima da enorme centrífuga da cozinha: PALAVRAS RUINS QUE NÃO POSSO, EM SÃ CONSCIÊNCIA, TOLERAR. Mais do que isso, porém, era porque o lugar onde havia morado a vida inteira de repente parecia ameaçador e estranho. Em novembro, o pai de Zoe havia morrido enquanto explorava uma caverna chamada Lágrima Negra. Então, em janeiro, duas das pessoas que mais amava no mundo, um casal

de vizinhos idosos chamado Bert e Betty Wallace, tinham sido arrastados para fora de casa por um intruso e nunca mais foram vistos. O sofrimento era como uma pedra fria no coração de Zoe. Não conseguia imaginar o quanto Jonah estava sofrendo.

Conseguia ouvir o irmão lá fora naquele momento, perseguindo Spock e Uhura como o maluco com TDAH que era. Ela o deixou sair porque ele havia implorado para ir brincar com os cães e porque, sinceramente, ela não aguentaria ficar mais nenhum segundo com ele. Jonah tinha oito anos. Se dissesse que não, ele teria choramingado até seus ouvidos sangrarem (“Me deixa sair por dez minutos, Zoe! Tudo bem, cinco minutos! Tudo bem, dois minutos! Posso por dois minutos? Tudo bem, e cinco minutos?”). Mesmo que tivesse conseguido fechar o bico dele, teria que lidar com aquela energia louca em uma casa pequena, em uma montanha isolada, com uma nevasca a caminho que parecia um exército furioso.

Ela entrou na internet e verificou o site WeatherBug. Com o vento gelado, estava vinte graus abaixo de zero.

Zoe sabia que deveria chamar Jonah para dentro, mas estava adiando. Ainda não conseguia lidar com ele. Ao menos tinha coberto cada centímetro dele bem apertado: uma blusa de skatista verde com capuz, um casaco e luvas pretas decoradas com crânios que brilhavam no escuro. Ela insistiu que ele usasse sapatos especiais de neve para que não se afundasse em um monte e desaparecesse. Então passou cinco minutos enfiando-os nos pés dele, enquanto Jonah se contorcia e se debatia como se estivesse sendo eletrocutado. Ele realmente sabia ser ridículo.

Zoe verificou o celular. Eram cinco horas e havia duas mensagens esperando por ela.

A primeira era de seu amigo Dallas, com quem saía de vez em quando, antes de seu pai morrer.

Dizia: *Nevascas são incríveis, cara! Você está bem??*

Dallas era um cara legal. Musculoso, com covinhas e um jeito de jogador de beisebol — bonitinho, mas não fazia exatamente o tipo

de Zoe. Além disso, tinha uma tatuagem que costumava brochá-la sempre que ele tirava a camisa. Ao que parecia, ele tinha ficado indeciso entre *Nunca pare!* e *Não pare jamais!*, e o tatuador se confundiu e a tatuagem acabou ficando *Nunca não pare!*. Dallas, por ser Dallas, gostou e cumprimentou o cara na hora.

Zoe respondeu à mensagem na língua de Dallas: *Tô de boa, cara! Obg por perguntar. É nóis. (É assim mesmo?)*

A segunda mensagem era de sua melhor amiga, Val: *Essa nevasca é uma merda. MERDA! Eu vou tirar uma soneca com a Gloria e ignorar. Estou levando essa soneca MUITO a sério. Você precisa DE QUALQUER COISA antes que eu vá dormir? Depois que a soneca começar, vou ficar INDISPONÍVEL para você.*

A namorada de Val era extremamente tímida. Val... *não era*. Ela estava superapaixonada por Gloria havia um ano e estava sempre fazendo coisas lindas e meio psicóticas, como um Tumblr dedicado inteiramente aos pés da garota.

Zoe respondeu: *Por que está todo mundo preocupado comigo? Estou BEM! Vai tirar a soneca, Deusa da Soneca! Vou ficar beeeem quietinha!!!!*

Sorrindo para si mesma, adicionou emojis de um despertador, um martelo e uma bomba.

Val escreveu mais uma vez: *Também te amo, sua loca!*

ZOE ENCONTROU UMA FITA adesiva em uma gaveta da cozinha e passou nas janelas do andar de baixo para que não se quebrassem com a tempestade. A mãe tinha dito que fazer isso em caso de nevasca era uma idiotice e, possivelmente, perigoso. Ainda assim, de algum jeito, fazia com que Zoe se sentisse mais segura e ocupava seu tempo. Ela olhou para fora e viu Jonah e os labradores pretos pulando de um lado para outro do rio congelado no fundo do quintal. A mãe havia proibido aquela atividade em outra placa: **COMPORTAMENTOS RUINS QUE NÃO POSSO, EM SÃ CONSCIÊNCIA, TOLERAR.** Zoe fingiu não ter notado o que o irmão estava fazendo. Então, parou de assistir para que não o visse fazendo nada pior.

Subiu as escadas e passou a fita em X nas janelas do segundo andar. Fez alguns Os também, de modo que, quando a mãe finalmente voltasse, pareceria que gigantes estavam brincando de jogo da velha.

Ela terminou de passar fita nas janelas às 17h30, bem quando a tempestade finalmente atingiu a montanha. Fez uma xícara de café — preto, porque sua mãe só comprava leite de soja, que tinha gosto de *lágrimas* de alienígenas — e foi até sala de estar para saborear a bebida ao lado da janela. Zoe olhou para a floresta, que começava no fundo do quintal, e correu os olhos até o lago. A propriedade de sua família era o trecho mais desmatado da montanha, mas havia um bosque de pinheiros-larícios junto à casa que lhes proporcionava sombra no verão. O vento tinha agitado as árvores. Ramos estavam batendo e arranhando o vidro. Era como se os pinheiros estivessem tentando entrar.

Sua mãe tinha saído fazia umas duas horas. Àquela altura, a polícia já teria bloqueado as estradas e, embora sua mãe, em geral, não fosse uma pessoa que aceitasse não como resposta, os policiais nunca a deixariam voltar para a montanha naquela noite. Zoe enfiou aquele pensamento em uma caixa nos fundos do cérebro chamada “Não abra”. Foi até a porta da frente e gritou o nome de Jonah. Tinha sido idiota por deixá-lo lá fora por tanto tempo. Também enfiou esse pensamento na caixa.

Jonah não respondeu. Ela não esperava que ele respondesse. Amava aquele monstrinho, mas na maioria dos dias parecia que o único objetivo na vida dele era dificultar a vida dela. Sabia que ele tinha escutado. Só não queria parar de brincar com os cães. Eles não podiam entrar em casa, mesmo durante as tempestades, o que Jonah achava ser cruel. Ele já havia protestado com uma placa de manifestante de verdade.

Zoe gritou por seu irmão mais três vezes: alto, mais alto, o mais alto possível.

Nenhuma resposta.

Ela verificou o WeatherBug novamente. Vinte e seis graus abaixo

de zero.

Tudo o que enxergava pela janela era um rebuliço branco. Tudo ficava disforme e pesado com a neve: seu carro vermelho espetacularmente cagado, a caixa de compostagem, até mesmo o grande urso de madeira que o amigo riponga doidão de sua mãe, Rufus, tinha esculpido para deixar na entrada. A ideia de ter que se empacotar toda e cambalear na tempestade apenas para arrastar Jonah para dentro de casa deixou Zoe tão irritada que seu rosto começou a esquentar. E ela não ia poder reclamar com a mãe, porque, para começo de conversa, não deveria ter deixado ele lá fora. Jonah sempre encontrava uma maneira de vencer. Era maluco, mas inteligente.

Ela berrou para chamar Spock e Uhura. Sem resposta. Spock tinha dois anos de idade e era um covardão. Zoe imaginou que estivesse escondido embaixo do trator no celeiro, tremendo. Mas Uhura era valentona e não tinha medo de nada. Deveria ter vindo correndo.

Zoe suspirou. Tinha que sair para procurar Jonah. Não tinha escolha.

Vestiu uma echarpe, luvas, botas, um casaco azul fofo e uma touca com borla que Jonah havia tricotado para ela quando seu pai morreu (na verdade, Uhura tinha comido a borla, e no lugar havia apenas um buraco que ficava cada vez maior). Zoe nem pensou em calçar sapatos de neve, porque só andaria o suficiente para fazer Jonah voltar para casa. Cinco minutos. Talvez dez. No máximo.

Sabia que era inútil desejar que seu pai estivesse por perto para ajudá-la a rastrear Jonah. De qualquer forma, desejou. As lembranças do pai a tomaram de forma tão repentina que seu corpo inteiro se contraiu.

O PAI DE ZOE ERA UM PATETA, agitado e tão pouco confiável que chegava a irritar. Era obcecado com tudo que envolvia cavernas, até com morcegos e platelmintos. Se interessava, estranhamente, até pela lama das cavernas, que ele insistia conter o

segredo para uma pele excelente. Costumava levar saquinhos Ziploc cheios de lama para casa e tentava esfregá-la no rosto da mãe de Zoe. A mãe gritava às gargalhadas e corria, fingindo estar horrorizada. Então, o pai esfregava tudo nas próprias bochechas e perseguia Jonah e Zoe pela casa, fazendo ruídos monstruosos.

Então, sim: o pai dela era estranho, como alguém precisa ser para explorar cavernas, para começo de conversa. Mas era estranho de um jeito bom. Na verdade, ele era do tipo maravilhosamente estranho. Era supermagro e flexível, e se erguesse os braços acima da cabeça, como o Super-Homem, conseguia se esgueirar por passagens incrivelmente estreitas. Costumava praticar abrindo um cabide de arame até ficar oval e se contorcendo dentro dele ou rastejando de um lado para outro embaixo do carro. Quando Val ou Dallas passavam na casa de Zoe, sempre o flagravam fazendo aquelas coisas em público. Dallas também era explorador de cavernas e achava tudo aquilo muito incrível. Val desviava os olhos de qualquer coisa bizarra que o pai de Zoe estivesse fazendo e dizia: “Não estou nem vendo... essa aqui não sou eu vendo.”

Zoe começou a explorar cavernas com o pai quando completou quinze anos. (Ninguém chamava de “espeleologia”, porque *quem* ia querer chamar?) Exploravam cavernas religiosamente todo verão e outono, até que a neve bloqueasse as entradas e o gelo deixasse os túneis traiçoeiros. No início, Zoe só ficava mais ou menos empolgada, mas precisava de um tempo garantido com o pai. A menos que fosse para explorar cavernas, não dava para confiar que o cara ia aparecer.

Zoe tinha se acostumado com seus desaparecimentos, assim como com o fato de que havia coisas das quais ele nunca falava. (Seus pais, sua cidade natal na Virgínia, tudo o que aconteceu quando ele era jovem: essas partes do mapa que nunca foram preenchidas.) Seu pai se especializou em grandes gestos — tinha mudado seu sobrenome para Bissell em vez de pedir para que a mãe de Zoe mudasse o dela — e conseguia ser o pai mais legal do mundo durante semanas a fio. Fazia com que ela se sentisse aquecida e

protegida, como se houvesse uma vela ou uma luminária ao lado da cama. Então, o ar na casa de alguma forma mudava. Perdia sua eletricidade. A caminhonete do pai desapareceria, e por semanas ela não recebia nem uma mensagem.

Zoe acabou parando de ouvir as desculpas dele. Geralmente tinham a ver com alguns negócios estranhos que estava tentando fazer decolar, algo sobre “conseguir o maldito financiamento”. Quando era mais nova, Zoe se culpava pelo fato de o pai nunca ficar por perto mais que alguns meses. Talvez ela não fosse interessante o suficiente. Talvez não fosse *amável* o suficiente. Jonah ainda era tão criança que adorava o pai incondicionalmente. Ele o chamava de Paizão e tratava cada vislumbre que tinha dele como se fosse uma celebridade.

Zoe sabia que ela e o pai sempre faziam suas trilhas pelas cavernas e parou de esperar qualquer coisa além disso. Então, naquele dia de novembro, quando acordou e viu que ele tinha ido explorar cavernas sem ela, pareceu uma traição.

Os policiais lideraram a busca pelo corpo dele. Zoe tinha inventado a caixa “Não abra” para conter essas lembranças.

ZOE XINGOU JONAH ENTREDENTES no minuto em que saiu de casa e começou a caçar o garoto e os cães. Não conseguia ver mais que alguns metros à frente ou caminhar mais que alguns passos sem parar para tomar fôlego. O vento, a neve: era como tomar socos na barriga.

A luz do dia, enquanto isso, se esvaía rapidamente. A tampa do caixão estava se preparando para fechar sobre Montana.

Zoe tateou dentro dos bolsos e ficou surpresa com a boa sorte: encontrou uma lanterna, e ela funcionava.

Levou cinco minutos apenas para ziguezaguear até o rio onde tinha visto Jonah brincar. Não havia sinal dele ou dos cães, exceto por um anjo de neve, já parcialmente preenchido pela tempestade, e duas cavidades estranhas e embaçadas nas proximidades, onde Jonah aparentemente tentara obrigar Spock e Uhura a fazer *cães-*

anhos de neve.

Ela gritou o nome de Jonah, mas sua voz não ecoou. O vento a abafava.

Pela primeira vez, sentiu o medo subir pela garganta. Imaginou-se dizendo para a mãe que havia perdido Jonah e viu o coração dela explodindo, como a Estrela da Morte em *Star Wars*. Se algo acontecesse com aquele menino, sua mãe nunca se recuperaria. Zoe tentou afastar esse pensamento também. Mas a caixa no fundo de seu cérebro tinha limites, e tudo começou a vaziar.

Zoe finalmente encontrou as pegadas de Jonah e as seguiu ao redor da casa. Demorou, porque tinha de se inclinar para o chão, como uma corcunda, para enxergar a trilha. Os ramos estavam se soltando das árvores e voando pelo quintal. Cada passo a esgotava. Suor escorria pelas costas, embora estivesse congelando. Sabia que suar no frio intenso era mau sinal. O calor do corpo estava evaporando. Precisava acelerar o passo, encontrar Jonah e entrar. Mas, se ela se movesse mais rápido, suaria ainda mais e congelaria ainda mais depressa.

Outro pensamento para o qual a caixa não tinha espaço.

Talvez Jonah já tivesse voltado para casa. Isso. Sem dúvida tinha voltado. Zoe imaginou-o, o rosto e as mãos inchados e cor-de-rosa, enquanto derramava chocolate em pó no chão da cozinha. Ela disse a si mesma que aquilo tudo era à toa. Seguiu as pegadas com a certeza de que levariam até a porta de casa.

Porém, a três metros dos degraus da entrada os passos se desviaram colina abaixo e foram engolidos pelo bosque.

Zoe deu alguns passos cautelosos entre as árvores e gritou, mas sabia que era inútil. Teria que entrar no bosque atrás de Jonah e dos labradores. As bochechas e orelhas ardiavam como se estivessem queimadas pelo sol. As mãos, mesmo enluvadas, estavam congeladas em pequenas esculturas de punhos.

ZOE COSTUMAVA ADORAR A floresta. Tinha crescido correndo entre as árvores, a luz do sol espalhando-se ao redor dos pés. As

árvores levavam até o lago, onde Bert e Betty Wallace moravam. Tinham sido como avós para Zoe e Jonah. Estavam presentes mesmo quando o pai deles ia em alguma de suas misteriosas viagens e foram uma fonte ininterrupta de bondade quando ele morreu. Mas fazia anos que Bert e Betty estavam ficando senis. No outono anterior, Zoe acompanhou Bert enquanto ele recortava fotografias de animais do jornal e gritava coisas aleatórias como “Dá um tempo, sou só um velho mentecapto!”. (Quando ela perguntou o que era um “mentecapto”, ele revirou os olhos e disse: “Dá um tempo, é o mesmo que papalvo!”) Jonah ficava de perninhas cruzadas no chão e tricotava com Betty. Ela o ensinara como fazer, e acabou sendo uma das poucas coisas, além de roer as unhas, que aliviavam seu TDAH e impediam seu cérebro de zumbir como um liquidificador descontrolado. Pouco antes de sumir, porém, Betty não conseguia evitar que as mãos tremessem, esquecera tudo o que sabia sobre tricô, e Jonah precisou ensinar *a ela* como fazer.

Então, no mês anterior, os Wallace tinham desaparecido. Betty, a menos senil do casal, aparentemente escapou do intruso por um momento e apressou Bert a entrar em sua caminhonete. Essa era a teoria da polícia, baseada no sangue do volante. A caminhonete foi encontrada batida em uma árvore a cem metros da casa. O motor ainda estava funcionando. As portas estavam abertas e não havia nenhum sinal dos Wallace, a não ser mais sangue. Imaginar o olhar confuso no rosto de Bert e Betty enquanto alguém os fitava com uma expressão de fúria assassina fazia o coração de Zoe ficar tão apertado que ela mal conseguia respirar.

A casa dos Wallace foi deixada do jeito que estava, solitária como um museu, enquanto seus advogados procuravam a versão mais recente do testamento deles. Zoe havia prometido a si mesma que nunca mais se aproximaria de lá. Doía demais. O lago na frente da casa de Bert e Betty estava congelado com gelo cinzento e opaco. Até mesmo a floresta parecia assustadora: densa e proibida, como um lugar aonde a madrasta malvada levaria alguém em um conto de fadas.

No entanto, ali estava ela, à beira do bosque, sendo atraída até a casa dos Wallace. Jonah sabia que era melhor não andar entre as árvores durante uma tempestade. Porém, se os cães tivessem entrado na floresta, ele os teria seguido. Spock e Uhura estavam morando com a família de Zoe fazia um mês, mas tinham pertencido a Bert e Betty. Talvez tivessem mergulhado nas árvores congeladas pensando que estavam indo para casa.

HAVIA MENOS DE dois quilômetros de floresta entre o terreno dos Bissell e a casa de Bert e Betty. Normalmente, era uma caminhada de quinze minutos, e era impossível se perder, pois Betty havia feito marcas de machadinhas nas árvores para as crianças seguirem. Além disso, a floresta era dividida em três seções, assim sempre era possível saber quando de alguma forma se começava a andar em círculos. A primeira seção havia sido cortada para fazer lenha, um tempo atrás — a mãe de Zoe preferia o termo “estuprada e saqueada” —, então as árvores mais próximas da casa dos Bissell eram novas. Eram principalmente pinheiros-nodosos de casca cinza rachada. Tinham sido plantados tão próximos que pareciam estar se aconchegando para se esquentar.

A segunda seção era a favorita de Zoe: larícios gigantes e abetos-de-Douglas. Eram os arranha-céus de Montana. Tinham apenas cem anos, mas pareciam ter a idade dos dinossauros, como se tivessem vindo com o planeta.

As árvores mais próximas do lago haviam queimado em um incêndio inexplicável antes de Zoe ter nascido, mas nunca caíram, então havia uns quatrocentos metros de estacas chamuscadas que simplesmente ficavam lá, mortas. Era um lugar assustador, e a parte favorita de Jonah da floresta, claro. Era onde ele sempre brincava de soldado do apocalipse.

Caminhar até a casa de Bert e Betty significava seguir o caminho através das árvores novas, depois das árvores antigas e, então, das mortas. Zoe e Jonah tinham feito aquele trajeto mil vezes, não havia como se perder. Não por muito tempo. Não com o clima decente

ou à luz do dia.

Depois de ter avançado mais ou menos uns cinco metros pela parte jovem da floresta, o mundo ficou silencioso. Havia apenas um zumbido baixo no ar, como alguém soprando a boca de uma garrafa. Sentiu-se protegida e um pouquinho, bem pouquinho, mais quente. Apontou a lanterna para a copa das árvores, depois para o céu rabugento e teve um impulso estranho e nebuloso de se jogar na neve. Balançou a cabeça para se livrar daquela ideia. O frio já estava paralisando seu cérebro. Se ela se sentasse, nunca mais se levantaria.

Zoe apontou a lanterna em um arco amplo ao longo do chão, procurando recuperar o rastro de Jonah. O feixe era fraco, fosse pelas baterias ou pelo frio, mas ela acabou encontrando. Jonah provavelmente tinha uns dez minutos de vantagem sobre ela e, como estava usando sapatos de neve, avançava mais rápido no terreno. Era como um problema de matemática: se o Trem A sai da estação às 16h30, viajando a cento e quarenta e cinco quilômetros por hora, e o Trem B sai dez minutos depois, viajando a cento e quinze quilômetros por hora... O cérebro de Zoe estava muito embotado para resolver essa questão, mas parecia que estava ferrada.

Jonah conhecia o caminho até o lago, mas devia estar seguindo os cães. As pegadas das patas eram bagunçadas e aleatórias. Talvez estivessem brincando. Talvez estivessem perseguindo tetrazes ou perus selvagens, que às vezes sobreviviam às tempestades embaixo da proteção das árvores. Talvez estivessem simplesmente saltitando porque estava muito frio.

Zoe conseguiu ver os rastros dos sapatos de neve de Jonah caçando os cães de todos os jeitos. Não conseguia dizer se ele estava brincando feliz ou se estava aterrorizado e implorando para que voltassem. Mentalmente, ela repetia: *vá para casa, Jonah. Isso é loucura. Deixe os cães para lá. Vá embora.* Mas sabia que ele não abandonaria os cães, não importava o quanto as coisas ficassem assustadoras, o que a irritava e também fazia com que o amasse.

Então, ela continuou a se arrastar pela floresta. O que era um saco. *Tira o pé direito da neve, levanta, enfia de novo na neve. Tira o pé esquerdo, repita a operação. E repita e repita e repita.* Zoe estava perdendo a noção do tempo. Levou uma eternidade para caminhar algumas dezenas de metros e muito mais quando teve que saltar sobre uma árvore caída. As pernas e os joelhos começaram a doer, depois os ombros e o pescoço. E ficou obcecada com o buraco no topo da touca onde ficava a borla. Imaginou que ele se esgarçava cada vez mais e conseguia sentir os dedos ossudos do vento nos cabelos.

Depois de uns vinte minutos na floresta, suas bochechas, parcialmente expostas, estavam escaldantes. Pensou em tirar as luvas e, de alguma forma, arrancar a pele do rosto... e percebeu que isso era uma loucura completa. Ela e seu cérebro haviam parado de jogar no mesmo time, o que a assustou demais.

O chão começou a nivelar, e Zoe viu um abeto velho e enorme bem à frente. *Árvores novas, árvores velhas, árvores mortas.* Estava quase a um terço do caminho através da floresta. Disse a si mesma para continuar andando, para não parar por nada, até que pudesse tocar aquela primeira árvore gigante. Aquilo faria com que tudo parecesse real de novo.

A cerca de dez metros do abeto, Zoe tropeçou em algo sob a neve e caiu de cara no chão. Um lampejo de dor passou rasgando pela cabeça, que tinha batido contra uma pedra ou um toco, e conseguiu sentir o hematoma florescendo na testa. Tirou uma luva e tocou o machucado; quando ela afastou a mão, seus dedos estavam escuros de sangue.

Concluiu que não estava tão ruim.

Ficou de joelhos, depois se levantou. E, usando aquele primeiro abeto como meta, caminhou os próximos poucos metros. Quando chegou à árvore, se recostou contra ela e sentiu uma onda de alívio porque, não importava o quanto as coisas estivessem horrendas, era impossível não amar uma árvore de Natal.

Zoe estava na segunda parte da floresta agora, com talvez menos

de um quilômetro a percorrer. As árvores eram gigantescas, estendiam-se ao céu e eram espaçadas o suficiente para que a luz restante do dia se esgueirasse até ela. Ali, os rastros de Jonah e dos cães estavam limpos e claros. Pareciam estar se mantendo na trilha agora. Ela recomeçou a caminhada, tentando não pensar em nada além do ritmo de seus passos.

Imaginou-se encontrando Jonah e empurrando-o para casa. Imaginou-se envolvendo-o em cobertores até que ele risse e gritasse: “Eu! Não! Sou! Um! Burrito!”

Zoe já estava fora de casa havia trinta ou quarenta minutos, e devia estar uns trinta graus abaixo de zero. Ela estava tremendo como se tivesse sido atingida por uma corrente elétrica. No momento em que chegou à metade da trilha dos abetos, o corpo inteiro doía e tremia como um diapasão. E a tempestade parecia mais forte agora. A própria floresta estava desmoronando ao seu redor. O vento arrancava os galhos e os lançava em todas as direções. Árvores inteiras tinham tombado e bloqueavam o caminho.

Ela parou para descansar encostada em uma árvore. Precisava. Balançou a lanterna, tentando descobrir o quanto estava longe do lago, mas, pelas mãos estarem fracas, ela se atrapalhou e derrubou-a na neve.

A luz se apagou.

Caiu de joelhos para procurar a lanterna. Estava ficando escuro, então precisou cavoucar a neve. O tremor tinha piorado — no início parecia o toque em uma cerca elétrica, mas agora seus nervos estavam tão enlouquecidos que parecia que ela *era* a cerca elétrica —, mas não se importava. E não se importava com o hematoma ou o corte ou o que quer que fosse que estava latejando em sua testa. Não se importava com os espinhos e os ramos escondidos sob a neve que rasgavam a pele embaixo das luvas. De qualquer forma, quase não conseguia sentir nada. Depois de alguns minutos de joelhos, podiam ter sido dois, podiam ter sido dez, ela não tinha mais noção nenhuma, sua mão encontrou algo na neve. Ela soltou

um grito de felicidade, ou o mais perto disso que conseguiu, e puxou o objeto. Mas não era a lanterna.

Era uma das luvas de Jonah.

O crânio na parte de trás brilhava para ela, as órbitas vazias como túneis.

Imaginou Jonah tropeçando pelo bosque, soluçando alto. Imaginou sua mão congelada, ferida e pulsando de dor. Imaginou-o implorando aos cães para irem para casa. (Ele *devia* ter começado a implorar nesse momento.) Lembrou-se do rosto dele por um segundo. Jonah se parecia com o pai, o que ainda a agoniava: os cabelos castanhos bagunçados, os olhos que todos achavam que eram azuis, mas na verdade eram de um verde estranho, bonito. A única diferença era que Jonah tinha bochechas levemente gorduchas. *Graças a Deus pela gordurinha das crianças*, pensou Zoe. Porque, naquela noite, isso talvez mantivesse Jonah vivo.

Ela encontrou a lanterna e, milagrosamente, restava um pouco de vida nela. Então se levantou e recomeçou a caminhada.

A poucos metros da primeira luva, encontrou a segunda.

Três metros depois, encontrou o casaco de Jonah.

Era um casaco preto e fofo, remendado com fita isolante; e ele o havia deixado pendurado sobre o toco irregular de uma árvore.

Agora Zoe imaginava o irmão atordoado e vagando, com a pele pinicando e quente, como se aquele calor rastejasse sobre ele. Imaginou-o tirando as roupas e deixando-as cair na neve.

Zoe estava exausta. E pirando. E incrivelmente irritada com aqueles cães idiotas que não eram espertos o bastante para ficarem perto da casa, que não perceberam que seu lindo irmão os seguiria sem parar através da neve. Até a morte.

Ela precisou apagar essa imagem horrível de Jonah. Desviou a mente para um pensamento feliz. Lembrou-se de como Jonah costumava se esconder exatamente no mesmo lugar toda vez que brincavam de esconde-esconde com o pai: no velho freezer do porão que não era usado fazia anos. Lembrou-se de como fingiam não ter ideia de onde Jonah estava, mesmo que pudessem ver os

dedinhos segurando a tampa aberta para o ar entrar. E imaginou o olhar animado no rosto de Jonah quando ela e seu pai fingiam desistir, e ele empurrava a porta do congelador e se revelava, como um mágico no final de um truque que desafiava a morte.

— Estou aqui! — ele gritava, feliz. — Estou aqui! Estou aqui! Estou aqui!

Por alguns segundos, essa imagem de Jonah a aqueceu. Então, ela desapareceu, como uma estrela apagada para sempre.

ZOE CHEGOU À borda dos abetos — até onde a floresta morria de repente e dava lugar a tocos e saliências chamuscados pelo incêndio. Estava carregando o casaco e as luvas de Jonah, abraçando-os contra o peito, embrulhados. Ainda achava que poderia encontrá-lo, ou estava apenas percorrendo aos tropeços os últimos quatrocentos metros até a casa de Bert e Betty para desmoronar? Ela não sabia mais. O frio tinha apagado tudo dentro dela. Estava em branco. Era um zumbi, avançando porque não sabia mais o que fazer.

A lanterna encontrou alguma coisa: um amontoado escuro, pouco mais alto que a neve.

Zoe deveria ter se entusiasmado com a descoberta, mas, em vez disso, sentiu o terror percorrer seu corpo. O que quer que estivesse lá na neve, não estava se movendo.

Ela não queria se aproximar. Não queria saber o que era.

Não queria que fosse seu irmão.

Demorou meses para caminhar os cinco metros seguintes. E mesmo quando estava a poucos passos de distância, mesmo quando a lanterna estava apontando diretamente para aquela coisa, banhando-a com uma luz amarelada doentia, ela não conseguiu descobrir o que era. Sua mente se recusou a compreender, recusou-se a registrar.

Ela se esforçou para avançar. Aproximou-se. Olhou para baixo. Era uma massa escura e emaranhada. Parecia sem vida e estática. Zoe prendeu a respiração e fez com que seus olhos se focassem.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.